

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

BERNARDO BRAYNER

Nunca vi as margens do rio Ybbs

ZAZIE  EDIÇÕES

Nunca vi as margens do rio Ybbs

2017 © Bernardo Brayner

COLEÇÃO

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

TÍTULO

Nunca vi as margens do rio Ybbs

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber e Karl Erik Schøllhammer

EDIÇÃO

Laura Erber

REVISÃO DE TEXTO

Denise Gutierres Pessoa

DESIGN GRÁFICO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978879353012-6

Zazie Edições

www.zazie.com.br

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

BERNARDO BRAYNER

Nunca vi as margens do rio Ybbs

ZAZIE EDIÇÕES

Nunca vi as margens do rio Ybbs BERNARDO BRAYNER

Quando meus pais eram vivos sempre esperávamos uma visita que nunca chegava. Eu e meus irmãos. Tínhamos que estar de banho tomado, roupas limpas, cabelo penteado de lado. Alguém, nunca sabemos quem, podia chegar a qualquer momento em nossa casa. Os móveis precisavam estar impecáveis. Os brinquedos, trancados em um quartinho. Minha mãe forrava a cama enquanto eu ainda estava dormindo. Naquela época eu ainda não sabia, mas no meu caso a visita eram os livros. Essa é a minha *love story*, como diria Haňt'a. Haňt'a, o personagem de Bohumil Hrabal em *Uma solidão ruidosa*.

Hrabal empenhou-se em sondar dois grandes terrenos em geografias distintas de Praga. Hašek nas tabernas e nas cervejarias. Kafka nos castelos, nos bairros intrincados. Eu, agora, me empenho em sondar a geografia desse meu amor pelos livros do leste europeu. Para isso vou até minha biblioteca. Abro

um livro ao acaso no meio do caos. Toda paixão beira o caos, a do colecionador beira o caos da memória, escreveu Walter Benjamin em seu *Ich packe meine Bibliothek aus*. O livro que abro é *O incrível congresso de futurologia*, de Stanislaw Lem. Perdido entre as páginas há um bilhete da antiga dona do volume: Pai, o Ricardo chegou aqui mais cedo, então não pude esperar você. São dezenove horas, vou dar uma volta, mas no máximo na hora marcada estou de volta. Uns beijinhos, Mariana. Em outro livro, *Diário íntimo*, de Kafka, leio uma dedicatória de outra desconhecida: Carmen, isso não é um presente. É um pedido de desculpas. Desculpe pela ausência longa, pela amizade só de pensamento. No mais estou por aqui, pro que der e vier. Datada de 1964.

Esses livros contam muitas histórias. Algumas são as dos mistérios dos seus antigos donos, das suas leituras. Minha biblioteca também conta minha história de muitas maneiras. Uma, claro, é a história das minhas leituras. Outra é a história dos meus sonhos. A matéria do sonho são o desejo e a memória.

Não estive no vilarejo de Neuhofen às margens do rio Ybbs para visitar sua igreja gótica com uma espira elevada. Não peguei os trens domésticos a setenta leus que saem de Bucarest e vão para Timișoara. Não visitei num dia frio porém ensolarado a Grădină Verona, uma área verde escondida por trás da Livraria Cărturești que serve chá de manga com limão. Não gosto de manga. Tampouco retirei as escamas de um peixe ou comi com os amigos

em Panevėžys. Na encosta sul de Bergisel há um fascinante zoológico alpino com mais de dois mil animais e cento e cinquenta espécies que nunca conhecerei. Não morei em um pequeno apartamento próximo, não tanto, mas que daria para ir andando até a Dussmann na Kulturkaufhaus. Não durmo de barriga para cima. Não sei jogar gamão. Nunca atravessei a avenida em frente à prefeitura de Subotica em um dia de chuva levando os livros de Cărtărescu e Blecher na mochila. Não preciso pentear os cabelos. Não participei do Festival de Trompete de Dragačevo colando dinares na testa suada.

O meu leste europeu não é completamente real. É um leste europeu fictício que, na verdade, pode ser uma metáfora para a América Latina, que por sua vez não é real, pode ser uma metáfora para o nordeste, que entretanto pode ser apenas um simulacro de Massangana, que não passa de outro nome para casa.

América Latina e leste europeu. Duas regiões orbitando superpotências nos anos 1980 em que cresci. Duas regiões esmagadas por ditaduras. Talvez mesmo por isso desenvolveram literaturas em muitos pontos parecidas. O trabalho de Sebald com a memória – e o seu desaparecimento – inclui a memória pessoal e a coletiva. E a memória das leituras pessoais e coletivas. Sebald muitas vezes escreveu como um fantasma que incorpora outros fantasmas. As histórias do leste europeu e da América Latina são histórias de fantasmas que incorporam fantasmas

em vários níveis. Uma grossa camada ectoplasmática é retirada lentamente quando lemos esses livros.

César Aira, em *Cómo me reí*, diz: “Ou já está morto, sempre esteve, e é o fantasma da reprodução, do qual seria necessário deduzir que a humanidade vive em uma história de fantasmas. Não posso trazer à baila minha experiência pessoal, porque não a tive. Nunca amei, e também não me reproduzi. Embora eu pudesse dizer, poeticamente, que me reproduzi em livros. Miserável metáfora.”

Abro uma edição da Suhrkamp de um livro de Thomas Bernhard. *Die Billigesser*.

Dessa vez não é coincidência. O livro também traz um manuscrito entre as páginas, mas eu o busco.

Um dia sonhei que ao chegar em casa, à noite, encontrava no meio do quarto um ovo grande, desmedido. Era quase da altura da mesa e abaulado, como devia ser. Ele balançava silencioso para lá e para cá. Fiquei muito curioso e cortei-o com meu canivete. Aos pedacinhos, a casca se abriu e de lá pulou um animal que era uma grande cauda raposina com vários metros de comprimento. Eu gostaria muito de segurar a cauda uma vez na mão, mas era impossível, ela estava sempre em movimento, lançada de um lado a outro. Às vezes chego tarde do trabalho e o animal está lá, recostado no corrimão da escada. Tenho vontade de me dirigir a ele. Claro que não posso fazer perguntas difíceis – O que queres no nosso mundo? Ele permanece um longo

tempo parado como a madeira que parece ser. Será que pode morrer? Tudo o que morre teve antes um objetivo, uma espécie de atividade que se extenuou. Isso não se aplica a ele. Um ajuda o outro? Tentei. O bicho acabara de se enfiar entre meus livros e segurava, com uma mandíbula nunca antes vista, um exemplar de *Lojas de canela*, de Bruno Schulz. Seguiram-se, deglutidos, Claudio Magris, Danilo Kiš, Bruce Chatwin e Wisława Szymborska. Pronuncio as três palavras mais estranhas do mundo, e ele engole Thomas Bernhard como uma serpente engole um ovo inteiro. Guardo o manuscrito e em um esforço de memória tento lembrar-me das minhas leituras iniciais de alguns desses autores. De Kafka, um dos primeiros, lembro bem. O globo era mais leve dois bilhões de almas, como disse Brodsky. Eu me senti da mesma maneira quando li Thomas Bernhard anos depois. Continuando com Brodsky: “Subitamente senti: sou um gato. Um gato que acabou de comer peixe. Se alguém tivesse se dirigido a mim nesse momento, eu teria miado. Eu estava absolutamente, animadamente feliz [...] se não tivesse sido por esse gato, eu estaria agora subindo pelas paredes em alguma dispendiosa instituição”. Aos que reclamam que Thomas Bernhard só fala em suicídio e Kafka só fala em opressão eu responderia em miados o que Sebald escreveu em seu prefácio ao livro *A descrição da infelicidade*: “Mas a melancolia, ou melhor, a reflexão que fazemos sobre esse infortúnio, nada tem a ver com a

aspiração à morte. Ela é uma forma de resistência”. Foi na melancolia e na resistência que fundei esse continente imaginário que é mistura de América Latina com Leste Europeu.

Uma das minhas lembranças de infância é a do meu pai assistindo ao desenho do Pica-Pau. Ele assistia com um fervor canino, de cachorro calado e que anda meio de lado. Muitas vezes o Pica-Pau era acordado por uma contenda entre outros dois personagens. Os brigões se uniam para matar o Pica-Pau, e ele escapava, zombava dos tiros. O meu pai ria. Talvez aquela confusão toda lembrasse algo a ele, que naquele dia ele escaparia da morte. Penso que ele se achava todo dia acordado do seu sono por algo. Por alguma ideia. Eu sou um diabo necessário, falava o Pica-Pau na tela. E meu pai repetia. E ria. Como um cão, diria Josef K.

O diabo necessário é uma figura presente na literatura do leste europeu. Penso em Bulgákov, claro. Mas penso também em outros monstros. O monstro criado por Frankenstein. O Drácula de Bram Stoker. Personagens saídos de uma Europa interior. Uma Europa periférica. Um sertão nordestino. Alberto Manguel em seu *A biblioteca à noite* escreve: “Mas não importa aonde vá, Drácula não pode separar-se inteiramente de seu mundo. Os livros nas estantes empoeiradas contêm a crônica de sua velha história; nenhuma outra biblioteca o interessa. O castelo com a biblioteca ancestral é seu único lar verdadeiro, e ele precisa sempre ter consigo uma

caixa (ou um caixão) com um pouco de terra da pátria. [...] O monstro de Frankenstein (chamado no romance muitas vezes de demônio) não tem nenhuma biblioteca que possa dizer sua; procura o próprio reflexo em todos os livros que encontra, mas jamais consegue reconhecer a própria história.”

A tradição folclórica romena de se vestir de urso e dançar ao som de tambores e a La Ursa pernambucana. Piglia e Gombrowicz. Meu pai como o monstro de Frankenstein, feito de recortes de lembranças e a quem agora eu tento dar vida. Meu pai como o conde Drácula carregando um pouco da sua terra nos bolsos até o fim da vida.

Os livros ora espelham, ora não espelham a nossa história. Carregamos nossa biblioteca e a abandonamos para nos vingarmos dela no Polo Norte.

Recebo um e-mail de um amigo, Felipe: Ensaio do Sebald sobre *O castelo*, do Kafka, ‘O país não descoberto’. Esse país, para Sebald, é a paisagem da morte. E K., o agrimensur – como Er na mitologia –, é um andarilho em tudo ‘semelhante às almas mortas para as quais nada é mais alheio que sua própria história’. O castelo é o ‘centro imaginário dessa comarca do outro lado’, e o ‘enorme trabalho administrativo que ali se realiza’ nada mais é que o ‘registro incalculável de todos os mortos’, em todos os tempos. Os próprios ajudantes, essas ‘encarnações de antigas larvas’, deixam a impressão de não estarem realmente vivos. É que todos sabem, ‘como reza a crença popular’, que as pousadas são lugares

‘onde os mortos se reúnem para uma última partida de cartas, antes de se dirigirem ao inferno’. São o último destino de toda e qualquer viagem. ‘A vida e a morte não estão separadas nesse romance’, Sebald escreve. ‘Uma é alegoria da outra, e vice-versa.’ Parece um conto seu.

Imediatamente penso em Pedro Páramo, de Rulfo. Pedro Páramo como reescritura de O castelo, de Kafka. Os fantasmas de Bioy Casares – ou César Aira – projetados nessa geografia.

Não li Gottfried Benn nem Kurt Tucholsky. Não tive um papagaio. Não passearei na Bregenzerwald que ocupa a área norte de Vorarlberg e se estende ao longo do vale do Bregenzer Ach. Não saberei o motivo de o Bodensee em português se chamar lago de Constança. Não sabia que cazuza é uma palavra árabe que quer dizer refrigerante. Cenoura e ceroula também são palavras que vêm do árabe. Nunca mergulhei com equipamento nem voei de asa-delta. Não tenho religião e não uso remédios. Não usei sunga de banho até uns dezoito anos. Não conheço o canto da aracuã. Não bebo daiquiri. Não sei montar móveis. Assovio muito mal. Não conversei sobre literatura argentina com o dono da Librería del Mármol na *calle* Lavalle quase esquina com a Ayacucho. Não conheço esse sujeito e nunca andei nessa rua. Nunca sentarei no Café Diglas passando os olhos pelos jornais nem provarei seus strudels e bolos. Nem mesmo pedirei um tradicional Wiener Schnitzel, isso nunca farei mesmo. Não conheço

Adília Lopes e por isso não dei flores murchas à minha namorada. Nunca trabalhei numa ferrovia, nunca trabalhei num restaurante, nunca treinei falcoaria – embora não me faltasse vontade. Não tive um filho que chorasse quando eu fosse para o trabalho. Não tenho camisas na cor azul. Nunca conversei com o coletor de passagens do trem. Peguei poucos trens. Não deixo um botão da camisa aberto. Não acredito em reencarnação ou outra vida e nem mesmo nesta vida ou neste ensaio.

Quando meus pais eram vivos sempre esperávamos uma visita que é um fantasma até hoje. Andarilhos alheios à própria história. Agrimensores de geografias apenas imaginadas.

Ainda haverá essa foto. E nessa foto outras fotos. Irmãos e irmãs, pai e mãe. Na folha de papel a foto é como o pássaro de uma asa só, breve e resumida, de voo torto e ineficaz. Paredes se dissolvem, crianças correm e penduram-se nas roupas de pessoas que já morreram. O bebê que virá a ser a minha mãe é o mais novo. Olha para a câmera com espanto. O aparato se julga senhor do sol, da chuva e da lua. Um deus preso na caixa de sapatos. É uma medusa que desencarna o tempo, que o transforma em pedra. O bebê que virá a ser a minha mãe ainda não fala, mas seu olhar é de acusação. Começa pelo fotógrafo e busca atingir indefinidas gerações. Acusa as ausências que virão. Convoquemos os corvos das asas: “Você está aqui mas não estará, assim como eu e meus pais, eu e meus filhos, inclusive o que

agora fala por mim.” Não é conveniente dizer que a mãe da minha mãe, a minha avó, é a única que não olha para a câmera, negando o que virá, enquanto o meu avô quebra o lacre de um sorriso impenetrável que mais parece a careta que precede o choro das crianças. Minha mãe colocaria, anos depois, a água de colônia, retocaria o batom, calçaria o sapato por cima do band-aid que cobriria o calo do calcanhar, beberia um copo de água gelada sem que o batom desmanchasse e gritaria Já estou indo, estou só bebendo água, gritaria para o carro que ainda estaria do outro lado da rua e de vidros fechados, causaria o protesto dos filhos que perderiam a concentração na lição de biologia ou não escutariam uma fala importante no filme, teriam, de qualquer jeito, sua atenção roubada e tentariam muitos anos depois recuperar a atenção ao detalhe da água de colônia, do band-aid ou do batom, mas o tempo não passaria e essa história seria como as fábulas que se repetem três vezes e não como um livro adulto e restaria mais na tela do computador e menos na memória, assim como o espelho da farmacinha do banheiro que ainda está quebrado mas se protege com a capa grossa do esquecimento. Foi na escola, lembro bem, que conheci Thomas Bernhard. Ele gostava de sentar na última fila de cadeiras, mas não era aceito pelos alunos dessa faixa de guerra. Logo passou a se sentar na primeira fila, e depois, com medo de passar a ser percebido pelos professores, mudou-se para a fileira lateral, onde encostava a cadeira na

parede, ligeiramente separado do grupo. Um dia se aproximou de mim no recreio. Eu sou a morte, ele me disse. Tive vontade de dizer, não leve a minha mãe, mas fiquei calado. Agora estamos em 1989, e ele me diz, enquanto a sirene toca chamando as crianças operárias para uma aula de física – o professor explicava o modelo do átomo: A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento. Lembro bem. Lembro bem que um dia Thomas Bernhard me chamou para o gol, isto é, para a posição de goleiro no time improvisado de futebol depois que defendi uma bola chutada no meu rosto por um menino mais velho. Lembro bem que no recreio da escola ele deslocava o ombro sentado na muretinha e depois o colocava no lugar. Ríamos da bizarrice. Mas na maior parte do tempo ficávamos calados. Lembro que um dia ele levou frutas para lanche e foi alvo das brincadeiras dos mais velhos. Lembro da prova de matemática que ele roubou da secretaria mas jogou fora, perdendo o interesse em tirar vantagem por ter a prova antes de todos. Lembro especialmente do dia em que me contou que havia dormido no ônibus que levava os alunos para casa. Nem sua mãe nem seus irmãos notaram sua ausência durante uma hora. Lembro de como não nos denunciávamos quando um professor fazia uma pergunta que sabíamos e ficávamos calados, olhando para a mesa. Passar despercebido significava sobreviver. Eu me lembro de tudo isso. Ele não lembra mais porque está morto. Sobrou um

caderno daquela época. Guardo o caderno comigo há mais de 25 anos. Na última página ainda dá para ler a letra desenhada: Com ignorância e vileza absoluta seremos separados. A memória e o esquecimento. E tudo o que trago comigo está à mercê desse colégio, que é a minha origem e a minha extinção. Estamos no Natal de 1998. Vejo alguém sentado na pracinha da cidadezinha onde eu passava sempre o verão com meus pais e meus irmãos. Parece muito meu colega de classe, mas, ao contrário de mim, ele não cresceu e está com as mesmas roupas que usava na época. O menino se vira para mim e diz como quem diz uma coisa qualquer: Estou de olho aberto desde aquele dia. Tenho medo de fechar o olho e esquecer o mundo.



BERNARDO BRAYNER (Recife, 1975) estudou comunicação na UFPE e na Unicap. Publica regularmente no blog www.livrosquevoceprecisaler.wordpress.com e atua como colaborador do Suplemento Pernambuco. Publicou *Um animal estranho* pela editora e-galáxia e participou da *Antologia Joaquim* da Editora Mariposa Cartonera. Seu livro *Tudo é grande demais para a pobre medida da nossa pele* será lançado em 2018 pela editora Papéis Selvagens.